

Ensaaios

VILÉM FLUSSER

O problema que pretendo expor é certamente vivenciado por todos cuja meta é escrever sobre um tema "erudito". É este: Devo formular meus pensamentos em estilo acadêmico, (isto é despersonalizado), ou devo recorrer a um estilo vivo, (isto é meu)? A decisão tomada afetará profundamente o trabalho a ser feito. Não é uma decisão que diz respeito à forma apenas. Diz respeito igualmente ao conteúdo. Não há um pensamento único articulável em duas formas. Duas sentenças diferentes são dois pensamentos diferentes. A decisão de tratar de um tema erudito de forma acadêmica ou de forma viva é a decisão de tratar desse tema de dois ângulos diferentes. Outros serão os argumentos apresentados, outras as conclusões alcançadas, e o próprio tema será apenas aparentemente o mesmo. O estilo informará o trabalho.

O problema não se dá com tema não erudito. O estilo acadêmico não se oferece como alternativa. E o estilo acadêmico é um caso especial de estilo. Reune honestidade intelectual com desonestidade existencial, já que quem a ele recorre empenha o intelecto e tira o corpo. Caracteristicamente evita o estilo acadêmico o uso do pronome "eu". Substitui o "eu" pelo bombástico, (embora aparentemente modesto) "nós", ou pelo "se" que não compromete. Não negarei que tem a sua beleza. É a beleza do rigor, que não é necessariamente um "rigor mortis". E essa beleza, que tanto resplandece na matemática e lógica formal, é de certa maneira característica do intelecto. Mas afirmarei que o estilo é uma pose. Ninguém pensa academicamente. Faz de conta que assim pensa. Força-se a pensar dessa forma. O estilo acadêmico é resultado de um esforço, (se quiserem de uma disciplina mental), portanto resultado de um primeiro pensamento. O acadêmico é um "second thought", um segundo pensamento, já que tradução de um primeiro pensamento. Não é espontâneo, é deliberado. A escolha entre um estilo acadêmico e um estilo meu é portanto minha escolha: falarei espon-

responsabilidade, e poderia ter-lhes acrescentado algumas considerações minhas. O assunto teria ficado mais explícito, e meus leitores mais informados. Escolhi o ensaio. O problema da tradução e da traduzibilidade assume as dimensões cósmicas de todo problema existencial: abrange tudo. Por exemplo abrange o problema do conhecimento, que passa a ser um aspecto da traduzibilidade. Abrange o valor, que passa a ser um aspecto da validade das sentenças traduzidas. Abrange o problema do significado e do absurdo, que passa a ser um aspecto dos limites da traduzibilidade. Em suma: começo a perder o meu assunto por ter-me identificado com ele. E simultaneamente começo a perder-me nele, já que passo a identificar-me com os seus diversos aspectos. No caso, por exemplo, encontro-me a mim mesmo como um problema de tradução, isto é, como uma multiplicidade de sistemas a serem traduzidos entre si e para um meta-sistema. E o estilo do meu ensaio passará a espelhar, a articular, a formular, este meu empenho de corpo e alma.

Este é o perigo do ensaio, mas esta é também a sua beleza. O ensaio não é a articulação de um pensamento apenas, mas de um pensamento como ponto de lança de uma existência empenhada. O ensaio vibra com a tensão daquela luta entre pensamento e vida, e entre vida e morte, que Unamuno chamava "agonia". Por isto o ensaio não resolve, como o faz o tratado, o seu assunto. Não explica o seu assunto, e neste sentido não informa os seus leitores. Pelo contrário, transforma o seu assunto em enigma. Implica-se no assunto, e implica nele seus leitores. Este é o seu atrativo.

A filosofia e as ciências oscilam entre tratado e ensaio. Por isto podemos falar em filosofia e ciência acadêmicas, e em filosofia e ciências ensaísticas. Essa oscilação talvez seja um aspecto do pendulo "clássico romântico" ou do pendulo "apolíneo dionisíaco", (para falarmos com Nietzsche). Para citar exemplos: A física renascentista é ensaística, (Leonardo, Galilei), e acadêmica é

11-5-68 (15-11-68) 792

712-10

tanamente ou escolherei o academismo.

Como toda escolha, também esta envolve o problema de responsabilidade. O academismo assume a responsabilidade pelo rigor, (a valdez), do argumento, e minimiza a responsabilidade do autor como pessoa de carne e osso, (como diria Unamuno). Um estilo vivo assume essa responsabilidade, e subordina a outra. Nesse estilo depende a valdez do argumento da valdez, (do valor), daquele que argumenta. São duas maneiras diferentes de empenhar-se. É concebível que o empenho depende do assunto. Parece difícil imaginar um empenho não acadêmico no assunto "anatomia das baratas", (embora exista a "Metamorfose" de Kafka). Mas devo confessar que para mim é difícil imaginar um empenho, mesmo que acadêmico, nessa anatomia. Um tratado sobre a anatomia das baratas tem sempre, quando autêntico, um fundo mais amplo. É sempre uma preocupação com um detalhe a ser futuramente inserido em contexto mais significativo. E, se for assim, surge também o problema do estilo. O exemplo é, no entanto, extremo. Creio que a escolha, no caso da anatomia, (ou de assuntos semelhantes) cairá sobre o academismo como que "naturalmente". O problema se apresentará com toda a sua força, se o assunto for das ciências sociais ou de filosofia. E pretendo considerar esses assuntos.

Denominarei os trabalhos sobre esses assuntos, quando em estilo acadêmico, de "tratados", e, quando em estilo vivo, de "ensaios". Direi que a escolha entre fazer um tratado e um ensaio é uma decisão existencial no sentido estrito do termo. Marcará a minha atitude perante o meu assunto, e perante os que lerão o meu trabalho, "os meus outros". No caso do tratado pensarei meu assunto e discutirei com os meus outros. No caso do ensaio viverei meu assunto e dialogarei com os meus outros. No primeiro caso procurarei explicar meu assunto. No segundo procurarei implicar-me nele. No primeiro caso procurarei informar os meus outros. No segundo procurarei alterá-los. A minha decisão dependerá portanto da maneira pela qual encaro o meu assunto e os meus outros. Dependerá da minha identidade. No tratado não me assumo, assumo o assunto para meus outros. No ensaio assumo-me no assunto e nos meus outros. No ensaio eu e os meus outros são o assunto dentro do assunto. No tratado o assunto interessa, no ensaio intersou e intersomos no assunto. A decisão pelo tratado é desexistencializante. É a decisão em prol do "se", do público, do objetivo. A decisão pelo ensaio é aquela que deve ser contemplada.

Se me decido pelo ensaio, pelo meu estilo, por assumir-me no meu assunto, corro um risco. O risco é dialético: o de perder-me no assunto, e o de perder o assunto. São os dois perigos fronteirizos da minha identificação com o assunto. Suponhamos que queira fazer um ensaio sobre a tradução e traduzibilidade. O assunto é erudito, e poderla pois ter escolhido a forma do tratado. Neste caso poderla ter baseado a minha argumentação sobre auto-

a física do barroco. Bruno morre pela física, coisa inimaginável no caso de volta. A biologia oitocentista é ensaística, (Darwin), e acadêmica a biologia do século 20. A psicologia analítica é ensaística, e acadêmico é o behaviorismo. Mas não se diga, (como parecem sugerir os exemplos), que toda disciplina se inicia pelo ensaio para acabar no tratado. Há exemplos de uma tendência inversa. Um desses casos me parece ser presentemente a sociologia. Mas o exemplo mais significativo dessa oscilação é, obviamente, a filosofia.

Há duas filosofias, e o diálogo entre elas assemelha-se a um diálogo entre surdos. A filosofia ensaística, com Platão, Agostinho, Eckehart, Pascal, Kierkegaard, Nietzsche, Camus, Unamuno. E a acadêmica como Aristóteles, Tomaz, Descartes, Spinoza, Hegel, Mach, Carnap. Ambas filosofias tratam dos mesmos assuntos, mas fazem-no apenas aparentemente. Isto torna tão difícil o diálogo entre elas. Porque se invalido o pensamento de um filósofo acadêmico, invalido o seu tratado. Não basta, no entanto, invalidar um pensamento para derrubar um ensaio. É preciso, para tanto, desautenticar a sua atitude. A vulnerabilidade do academismo é diferente da do ensaísmo. É portanto mais difícil derrubar um Unamuno que derrubar um Carnap. Mas se derrubei Carnap, apenas derrubei o seu pensamento. Se derrubei Unamuno, nada dele resta.

O leitor pode objetar que exagerarei enormemente a antinomia "tratado-ensaio". Que por exemplo os ensaios de Hume são verdadeiros tratados, e que o Tractatus de Wittgenstein é, na realidade, um ensaio. Discordo. Não negarei que há momentos inspirados nos grandes tratados, nos quais mudam de caráter. Não negarei que há ilhas nos grandes ensaios, nas quais o assunto é tratado academicamente. Mas insisto que a decisão é anterior ao trabalho, e que marcará definitivamente todo o seu clima. Basta abrir um livro "erudito", para sorver de imediato esse clima. E basta vivenciar o momento de liberdade que antecede a decisão pelo estilo que informará o meu trabalho.

Nas universidades brasileiras reina o academismo. Como reação talvez ao ensaísmo que predominava no pensamento brasileiro até quase os nossos dias. Mas as universidades, (como diz seu nome), não devem ser unilaterais, se pretenderem uma erudição no sentido mais amplo do termo. Devem ser os lugares geométricos, nos quais o desprezo do academismo pelo ensaísmo, e o nojo do ensaísmo pelo academismo, se superam mutuamente. E isto especialmente num momento, no qual, a meu ver, o pendulo da filosofia, (e também de certas ciências), tende para o ensaísmo. Provocar esta consideração era a meta deste artigo, o qual, certamente, pode ser enquadrado na categoria "ensaio".

Está circulando o "Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais", que inclui as seguintes matérias: "A Migrante de Origem Rural no Recife", de Collette Caillier; "A Cultura do Cacau no Estado da Bahia", de Milton Santos; "Mudanças em Algumas Áreas do